

ENFRENTAR OS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS



Caderno de
Cooperação Agrícola
Nº 07

A impressão deste caderno, só foi possível graças ao apoio do MA/SDR/DENACOOP convênio 054198

EXPEDIENTE

O caderno de Cooperação Agrícola nº 07 - ENFRENTAR OS DESAFIOS DOS ASSENTAMENTOS é uma publicação da Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil – CONCRAB

Endereço:
Alameda Barrão de Limeira, 1232
Santa Cecília – CEP 01202-002
São Paulo - SP
E.mail: concrab@uol.com.br

Novembro/98

SUMÁRIO

Apresentação.....	03
I – A Formação Ideológica dos camponeses	05
II – Os Desafios da Organização nos Assentamentos	25
III – Elementos para avançar a discussão sobre como enfrentar os desafios.....	28
IV - Orientações políticas dos próximos passos.....	29

APRESENTAÇÃO

Estimados Companheiros,

Neste final de ano/98, iniciamos nas direções do MST e da CONCRAB um debate sobre os desafios da construção do assentamento rumo aos nossos objetivos estratégicos.

Fizemos uma avaliação autocrítica, de como temos visto os assentamentos, apenas na ótica da produção, dos recursos de proceira, e das cooperativas;

É preciso produzir linhas políticas que façam com que os assentamentos sejam transformados em comunidades livres, que avancem socialmente, politicamente, ideologicamente. Para isso teremos também uma grande tarefa de influir na mudança da consciência dos camponeses, determinada pelo meio e pelas relações sociais que constrõe no seu lote individual.

Temos em anexo três documentos: Um texto de estudo do companheiro Ademir Bogo, sobre a consciência dos camponeses; um segundo texto que é um relatório-levantamento dos desafios que identificamos, e um terceiro texto, que são sugestões de como enfrentá-las.

Propomos então que na sua área de atuação, na sua instância, se discutam esses três documentos, em caso de precisar assessoria, por favor contate-nos. E que ao final dessa discussão se façam seminários estaduais mais amplos, durante o primeiro semestre, para que no início do segundo semestre de 99, se culmine com um seminário nacional para afinar nossas linhas políticas, e sobretudo nossa prática cotidiana em nossos assentamentos.

Como metodologia de estudo sugerimos:

- a) O texto "Formação Ideológica dos Camponeses" deve ser lido e estudado primeiramente. Ele é um documento de estudo para compreendermos a natureza ideológica da consciência social do camponês.

- b) Fazer trabalhos de grupo para analisar os desafios que existem em nossos assentamentos.
1. Ler o texto "Desafios da organização dos assentamentos" buscando compreender cada desafio assinalado;
 2. Tomar cada tipo de desafio (ideológicos, políticos, econômicos) e debater:
 - Como esses desafios aparecem em nossos assentamentos aqui no estado?
 - Que medidas ou iniciativas deveríamos tomar para enfrentar esses desafios?
 - Como fazer esse debate com todos os dirigentes de assentamentos e na nossa base?
- c) Da mesma forma a Direção Nacional recomenda que o mesmo estudo seja feito em todos cursos de formação e seminários específicos com técnicos do Lumiar, com dirigentes de assentamentos ,etc.

Um bom estudo a todos e mãos a obra;

João Pedro Stedile
Direção Nacional MST

Adalberto Martins
Sec. Geral CONCRAB

I - A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA DOS CAMPONESES

É inegável que o ponto de partida para qualquer reflexão sobre formação ideológica, deve ser o lugar social em que se encontram as pessoas, para que primeiramente se compreendam como seres sociais e em seguida, compreendam a realidade que os rodeia, sintam motivação e interesse em transformá-la. Essa transformação deve estar vinculada e motivada pelos objetivos políticos que a organização social e política possui, procurando torná-los parte da consciência destes mesmos agentes que se colocarão em movimento, agora, não só percebendo a realidade próxima que os rodeia mas também a realidade distante, que se aproxima, mais ou menos, dependendo do grau das informações e do conhecimento que se vai tendo dela. Por isso as pessoas terão que ter atitudes cada vez mais irredutíveis contra a classe dominante e o estado, pois perceberão que para atingir os objetivos na sua totalidade, deverão lutar até o fim.

A partir do conhecimento dos objetivos políticos que esta determinada organização quer alcançar, inicia-se uma longa reflexão para formular métodos que possibilitem transformar a realidade. Segue-se aprofundando o conhecimento para se ter uma visão científica do mundo, busca-se interpretar o movimento dialético que tem dentro de todas as coisas para descobrir como evoluem e como retrocedem as contradições e através da mística, desenvolve-se a razão pela qual se deverá fazer sacrifícios e empenhar-se nesta caminhada sem volta.

Estes aspectos que caracterizam o processo de formação de um militante, para, através do próprio exercício prático e do estudo tornar-se quadro, nos leva a uma segunda linha de pensamento, que é a consciência que a organização tem, tanto em relação à qualidade como também à quantidade de quadros para desenvolver as tarefas. Então formula-se a pergunta: para que precisamos de militantes e quadros e onde colocá-los?

Por outro lado, esta organização deverá estabelecer uma outra relação entre o objetivo a ser alcançado, a tarefa a ser desenvolvida e a

política de formação do militante, que deverá em um determinado espaço de tempo chegar a dirigir-se por conta própria submetendo-se porém às linhas políticas e às decisões coletivas da organização.

É sobre estes aspectos e sua relação com o modo de ser dos camponeses, que tentaremos evoluir em nosso processo de organização e luta pela transformação da realidade que nos cerca. Esta realidade é que estabelece os desafios que temos para serem superados, sob a luz dos objetivos táticos e estratégicos, se tivermos capacidade de formulá-los.

1 - QUAL É NOSSA NECESSIDADE DE QUADROS?

Os objetivos devem estabelecer as necessidades, tendo em vista que é tornando consciente uma necessidade que se faz possível definir um objetivo que estabeleça o caminho onde se apresentem todas as possibilidades que visem ultrapassar os limites que alimentam as necessidades.

Podemos partir, com certeza da tese de que no MST faltam muitos quadros para desenvolver as diversas tarefas, com elevado nível de conhecimento político, que estão vinculadas aos setores, ou simplesmente às necessidades imediatas dos assentados, se não vejamos: Faltam organizadores nos assentamentos, que possam orientar os assentados nas mínimas coisas, em seus núcleos de família. Faltam também administradores nas cooperativas, que tenham a capacidade de dirigir coletivamente, manter os livros e a contabilidade em dia, façam as atas e saibam coordenar as assembleias com animação. Faltam professores capacitados que saibam ensinar as crianças e os adultos a partir do ponto de vista dos trabalhadores. Faltam formadores que tenham a humildade de estar presentes na lavoura e nos núcleos fazendo a formação política, a partir do espaço em que as pessoas vivem, mesmo tendo que pegar também no trabalho pesado e produtivo. Faltam organizadores de massa que tenham habilidade de mobilizar e organizar a massa para as ocupações e que dêem respostas para o problema da alimentação, da discussão sobre cooperação, organizem a educação nos acampamentos e

busquem desenvolver atividades produtivas que rendam finanças para garantir as despesas dos acampados. Faltam elaboradores de métodos que contribuam para a aplicação das linhas políticas. Faltam formuladores de táticas e estratégias que levem em consideração os diferentes aspectos da realidade política. Faltam elaboradores de materiais que estejam vinculados às necessidades imediatas e que saibam colocá-los em prática. Faltam pichadores e pintores que consigam massificar as palavras de ordem nas cidades e divulgar através de pinturas em muros ou em outros locais as políticas que são definidas pela organização. Faltam bons comunicadores para atuar nas emissoras de rádio. Faltam bons comunicadores para estreitar o relacionamento entre o MST e a sociedade organizada. Faltam técnicos para as áreas de economia, medicina, pedagogia, direito e administração que se vinculem diretamente à base do MST e passem a conviver com esta dura realidade. Faltam pesquisadores sérios que não queiram transformar teses universitárias em pesquisas, mas que pesquisem a partir de sua vinculação prática e ajudem a implementar as saídas apontadas. Faltam militantes que se empenhem em desenvolver valores e ajudem a embelezar os assentamentos. Faltam militantes que tenham capacidade de discutir um novo projeto para o Brasil com a sociedade e a partir disso estabelecer formas orgânicas para o projeto, que não se reduza em discussões teóricas. Faltam projetistas que saibam sair da mendicância e que descubram fontes viáveis de finanças em todos os níveis. Faltam técnicos e dirigentes que possuam uma visão correta da agricultura e aproveitem os recursos para elevar o nível de renda familiar e não apenas engrandecer a infraestrutura de produção. Faltam militantes com jeito e gosto pela divulgação das publicações como jornal e revista. Faltam militantes artistas que conscientizem através da música, teatro e outros meios, dentro da linha da valorização humana. Faltam agentes de saúde que saibam organizar e desenvolver uma política de prevenção às doenças e que conscientizem os assentados para a preservação da vida humana, através da preservação da natureza, das águas e dos alimentos. Faltam militantes que cuidem da segurança, identifiquem os infiltrados e orientem como se comportar. Por fim, faltam dirigentes para compor as instâncias com capacidade de fazer sacrifícios, que saibam usar os instrumentos, como avião, carro, celular etc para beneficiar a organização e não

como privilégio e vícios que os tornam administradores burocratas.

Temos então infinitas necessidades de militantes e quadros que possam desenvolver tarefas com o objetivo de multiplicar sempre mais a militância em torno de tarefas menores, que possibilitem envolver sempre mais outras novas pessoas que se transformarão em militantes a partir da prática e conseqüentemente tornar-se-ão quadros a partir do estudo e do conhecimento científico.

Devemos perceber que o militante ou quadro não se classifica pela atividade que desenvolve, mas sim pela razão política que pela qual desenvolve. Sendo assim as linhas políticas, conscientemente assimiladas devem orientar todas as tarefas, por menores que sejam, mas que executadas no momento certo imprimirão força e qualidade à organização.

É verdade que para se chegar a isto exige muitos sacrifícios, mas não há outro caminho se quisermos construir uma organização que tenha perspectivas estratégicas.

Para se chegar a isto necessitamos avançar nos diferentes aspectos da organicidade. Somente assim conseguiremos transformar a realidade objetiva e subjetiva tornando-as parte da consciência social e política dos assentados que saberão porque e como devem se preparar para lutar. Desta forma deixarão de ser simples "seres sociais" e passarão a ser conscientemente massa em movimento, em busca dos meios de tornar possível o que para muitos já deixou de ser.

2 – QUANDO SE INICIA A FORMAÇÃO DE UM QUADRO?

Um quadro inicia sua formação ao nascer. Tendo em vista que a relação que um ser humano estabelece com sua comunidade fará parte da formação de sua conduta posterior. Logo, podemos perceber que mesmo sendo "quadro" um conceito político, que quer significar uma pessoa que adquiriu elevado nível de desenvolvimento político que consegue orientar-se por conta própria na aplicação das linhas políticas de sua organização e transmiti-las para as massas, fazendo de forma

consciente e disciplinada todas as tarefas, se empenhando na aplicação de todos os princípios revolucionários e que está disposto a colocar sua própria vida em perigo pela causa da transformação, não poderá jamais chegar a seus objetivos se não partir da realidade que compõe, não somente a parte material da sociedade, como também a parte social, cultural, psicológica, sentimental etc das pessoas.

É através da relação social que o ser humano desenvolverá seus atos e adquirirá conhecimentos. Os atos e os conhecimentos, por sua vez, se converterão em duas molas mestras da vida social e política do indivíduo que se compõe de um emaranhado de relações conscientes e não conscientes.

1ª - **A cultura** – como cultura podemos entender todos os movimentos que a pessoa faz para produzir e garantir sua existência. Sendo que de todas as atividades humanas a principal é o trabalho, que se sobrepõe a todas as outras atividades. Dirão os precursores do marxismo que “foi o trabalho quem criou o homem”. É no desenvolvimento desta atividade produtiva que o ser humano vai adquirindo conhecimentos e instituirá seu próprio comportamento. Cabe perguntar então do que é feita a vida? Quais são os aspectos, além da atividade produtiva que leva o ser humano a produzir seus próprios meios de vida, que o quadro político deve levar em consideração na relação dirigente & massa?

O consumismo levou a se formar uma idéia errada da pessoa humana, onde na maioria dos casos é vista como objeto de consumo. Pode-se incorrer no mesmo desvio nos movimentos sociais quando se renegam os aspectos subjetivos que contribuem para a produção e reprodução da existência humana e as lideranças apenas vêm na massa a força de mobilização e nada mais. Não vêm eles que aquele ser humano possui sonhos, religião, preocupações, problemas familiares etc.

2ª – **A consciência social** – Se a cultura é o ato de fazer a vida, a consciência é o ato de refletir sobre esta realidade viva. A reflexão e a assimilação desta realidade, se transformarão em

consciência social, haja visto que ela é fruto da convivência estabelecida entre as pessoas. Podemos exemplificar dizendo que o ato de cooperar deve-se tornar cultura nos assentamentos pois é a forma mais eficiente de se produzir e manter os camponeses em suas atividades, mas a reflexão que se faz para tornar consciente, fazendo com que os assentados acreditem na cooperação, deve tornar-se parte da consciência social dos assentados, assim como a educação, a fé, a teoria da organização.

Desta maneira, verificamos que cultura e consciência estão intimamente ligadas e se desenvolvem em plena unidade.

Desta íntima relação entre cultura e consciência, podemos caracterizar uma situação de dupla conformidade e de dupla desconformidade:

A) CULTURA

a) Espontânea – São os atos que se desenvolvem em torno da produção da existência naturalmente, sem planejamento

Temos aqui uma relação contraditória porque existem aspectos positivos e aspectos negativos forjados pela falta de conhecimentos e capacidade de reflexão. Podemos citar como exemplo o formato das casas, a forma de lavar a roupa e de carregar água com pesadas vasilhas sobre a cabeça. Há porém aspectos positivos que vão desde a prática de curar enfermidades através de ervas medicinais até a preparação de pratos típicos, que dão identidade às pessoas e às regiões.

b) Programada – São aspectos planejados que desenvolvem a cultura (dirigida) a partir de interesses de classe, podendo servir para elevar a qualidade de vida ou para alienar as pessoas.

Tanto a cultura espontânea quanto a cultura programada, possuem aspectos positivos e negativos, a tarefa da organização política é saber selecioná-los, reprogramá-los para que contribuam no trabalho da formação da consciência. Desta forma é preciso “programar” a superação dos aspectos ingênuos que prejudicam o desenvolvimento e os aspectos alienantes da cultura camponesa para estabelecer as

bases da formação da consciência política e desenvolvê-la.

B) CONSCIÊNCIA

a) Consciência social – É aquela formada pela sociedade. Está relacionada ao ato de refletir sobre a existência social, assimilando os aspectos imediatos que envolvem a vida das pessoas em relação ao trabalho e convivência, forma de pensar, crenças etc.

b) Consciência política – Embora esta também esteja na esfera da reflexão, está relacionada com a formação da consciência a partir dos conhecimentos científicos. Neste sentido adquirem uma nova categoria e eleva-se para assimilar aspectos da realidade global interligada com a realidade local. Aqui a consciência se transforma em ação política, firmada sobre as contradições e o movimento interno que existe em todas as coisas.

Tudo isto que foi dito poderíamos ter encurtado o caminho para dizer, de outra forma, através das palavras de Karl Marx, que destaca no seu livro O capital "Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza... Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo curso do trabalho.." (p.202). Dirá também que o ser humano emprega força física e força espiritual para produzir objetos, pois deve refletir e projetar em sua mente o que quer produzir.

Desta forma podemos entender que é através da prática que o ser humano modifica a natureza das coisas e assim moldará sua própria conduta. É desta relação com a natureza que o ser humano torna-se parte da própria natureza "como uma de suas forças".

Mas a cultura camponesa produzida através das relações,

mais com a natureza do que com as pessoas, vem assumir características muito particulares que estão vinculadas ao mito, à superstição, à tradição, à contemplação e ao raciocínio associativo, caracterizando assim a formação do caráter do camponês através de aspectos espontâneos. Ao contrário do operário que estabelece relações de produção através da programação do trabalho. Desta forma é que se deve estabelecer uma relação no processo de formação política, que “transforme essa natureza” complexa ingênua, em uma natureza “descomplexa”, “desmitificada”, a partir de novos referenciais e padrões de vida e de convivência. Isto somente será possível através de uma organização política e social que atue, conscientemente, sobre a realidade humana, social e natural.

3 – DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

É fundamental esclarecer que a formação ideológica entre os camponeses não se faz sem instrumentos que “materializem” a ideologia e que o simbólico ultrapasse a esfera do contemplativo para fortalecer os princípios políticos e organizativos a partir da prática concreta. Para isso precisamos superar os desafios e evoluir numa perspectiva da transformação combinada de todos os aspectos que envolvem a vida de nossos camponeses. Quais são esses desafios e também as perspectivas que devemos estabelecer?

3.1 – Interpretar os aspectos que formam a cultura e a consciência social do camponês.

Nos disse Marx que “Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a consciência”. Se isso é verdade, precisamos interpretar “de que é feito” este ser social, para estabelecermos os passos para sua transformação e assim transformar sua consciência. Logo, podemos perceber que a consciência é uma consequência da existência do ser social. Como se relacionam nossos camponeses com os aspectos que formam a sociedade? O que pensa e como reflexiona um camponês assentado se é ele próprio que produz as informações?

Vejam os principais aspectos que caracterizam nossos assentados a partir de sua relação com a natureza, com a sociedade e com a organização, apontaremos sete deles, outros tantos devem existir que devem ser buscados e desenvolvidos.

3.1.1 – O ser e sua relação com a propriedade privada da terra.

Há uma tendência muito forte entre os camponeses de se apropriarem individualmente da terra. Esta oportunidade de ter a posse individual, não significa que sua intenção seja somente garantir a propriedade, mas fundamentalmente está dizendo que está disposto a fazer individualmente seu próprio destino e o de sua família, que passa a ser também sua propriedade. Sendo assim o assentado não se apropria apenas da terra como território, mas estabelece sobre ele seu próprio governo, com leis, planos de produção, relações de trabalho, controle financeiro, relação com o mercado e ninguém poderá intervir, a não ser nos aspectos em que ele decide contribuir.

Essa relação individualizada e individualizante com a propriedade, determinará o modo de agir e de pensar do camponês e se tornará cada vez mais rígida quanto maior for o tempo de duração dessa relação. Individualizará também o entendimento de seus filhos que passarão a perceber o mundo a partir dessa lógica das partes isoladas do todo.

Há duas formas de enfrentar esse desafio: o primeiro, mais rápido, que é ir privando o camponês individual das possibilidades de continuar com seu individualismo. Segundo, através de um novo modelo de assentamento, prevendo um tempo mais longo, é ir influenciando na formação dos filhos para que estes venham, no futuro, a renegar a propriedade privada como possibilidade de desenvolvimento da vida na agricultura, através da cooperação nos seus diferentes níveis.

3.1.2 – O ser e seu isolamento da vida social

A participação social de um assentado que trabalha

individualmente segue a lógica do interesse material e do prazer individual. Concluímos então que o assentado individual é um ser altamente egoísta. Sua consciência se desenvolve em torno do aspecto da propriedade da terra, dos bens e das pessoas da família. Sua participação na vida social ou das lutas políticas somente terá sentido se perceber que terá ganhos, quando não participa, coloca a responsabilidade na sua lavoura, em seus animais, na própria casa etc, que proíbem que se afaste por muitas horas. Por esta lógica a perspectiva que se cria é a do "apartamento" político, ou seja cada vez mais o assentado se apartará das ações organizadas que visem aspectos políticos nas reivindicações e tende a valorizar e a compreender somente os aspectos econômicos da luta, tendo sempre uma visão muito crítica em relação aos dirigentes colocando-os como verdadeiras ameaças de seus interesses e facilmente impingem-lhes defeitos sempre que surgirem dificuldades, como "ladrões", "corruptos" etc. Os culpados "são os outros" e não ele que procura isolar-se da vida social.

3.1.3 – O ser e sua vinculação à tradição cultural

Esta questão está relacionada a dois aspectos. O primeiro pela experiência que cada um tem na produção da própria existência. E o segundo pela observação da produção da existência dos outros. Sendo assim mesmo que muitos assentados tenham origem no trabalho assalariado e produziram sua existência através do trabalho "coletivo", optam pelo lote individual, tendo em vista que a imagem que possuem da propriedade da terra, ou é o sítio, ou é a fazenda. Como esta é uma possibilidade real garantida por lei, dificilmente haverá concessão por parte do assentado, ao contrário, cada vez se apegam mais a ela.

Por outro lado, o modelo de desenvolvimento agrícola implementado nos assentamentos ainda está muito distante de ser uma opção voluntária e estimulante por seu próprio resultado insuficiente.

Nos lotes individuais, a autoeficiência de seu proprietário chega ao ponto deste renegar todos os aspectos técnicos comprovados pela ciência e confronta raivosamente com seu ponto de vista histórico, muitas vezes corretos, mas na maioria dos casos completamente

ultrapassados.

3.1.4 – O ser e a incompatibilidade com a formação ideológica

Normalmente entende-se como formação os cursos realizados onde o assentado se desloca para apreciar. Ali refletirá sobre a realidade dos outros e não sobre a sua própria realidade, por isso o conteúdo que deveria contribuir com sua evolução política, se choca contra sua realidade e não evolui, tendo em vista a incapacidade que possui para resolver esta contradição. Quando não, para poder entender e aplicar o conhecimento deveria extinguir-se enquanto camponês proprietário individual, e isto é impossível. Porque o seu lugar social é seu lote, e dali não sairá. Sendo assim prevalece seu ponto de vista e sobre o mesmo assunto teremos diferentes conteúdos formulados a partir de interesses diferentes.

Este método leva a criar uma aversão ao conhecimento científico e fortalecendo ainda mais o conhecimento empírico, pois este é imposto pela força ou pelas ameaças de afastamento da organização ainda muito incipiente.

3.1.5 – O ser e a relação com seus próprios valores imediatistas

O camponês que trabalha individualmente segue sua própria lógica no trato com a natureza e com a sua própria vida. Age como se nada lhe fizesse mal. Quando adoecer, por muitos dias procura ele próprio receitar-se o remédio, a dieta etc. Desta forma constitui sua conduta. Tanto preserva a natureza como a destrói. Assim a classe dominante se utilizará destes aspectos para “criminalizar” a organização. Haja visto que para criminalizar é preciso primeiramente tornar conhecido o indivíduo que se tem interesse em torná-lo criminoso. Esta etapa já foi cumprida pela mídia quando divulgaram os aspectos positivos da produção, das florestas e das belezas que temos nos assentamentos, agora o próximo passo é mostrar aquilo que a sociedade provavelmente “não faria”, assim passa a desenvolver uma profunda rejeição.

Podemos citar como exemplo o país de Cuba. Todos concordam com os avanços sociais conseguidos naquele país, mas tanto a esquerda quanto a direita questionam a democracia, e este passa a ser o aspecto

principal em todas as discussões, apresentando Fidel Castro como ditador. Assim, dizem: - Está tudo bem, mas o Fidel é um ditador porque não entrega o poder a outro.

Na ótica do camponês, tudo que faz é correto, porque ele não enxerga as coisas relacionadas entre si. Para queimar a roça precisa de sol, para plantar precisa chuva. Assim queima a sua roça e não se importa se o fogo destrói a floresta inteira, importa que sua roça fique bem queimada para plantar, não se lembra dos insetos que podem lhe ajudar e que estão alojados na floresta ao lado.

3.1.6 – O ser e o trabalho apenas para a subsistência ou desenvolvimento econômico

O trabalho, sendo o principal aspecto da vida social, está profundamente ligado ao desenvolvimento da consciência. No caso dos camponeses, como os aspectos que compõem sua consciência são espontâneos, a tendência é serem corporativistas e não usarem o trabalho para o desenvolvimento da sociedade e nem tampouco para o melhoramento de sua propriedade. O trabalho no lote individual é fundamentalmente para garantir a sobrevivência, haja visto que passam anos e anos sem haver mudanças nos principais aspectos físicos da propriedade. O assentado portanto não vê o trabalho como um "dever social", o vê como um "castigo" individual.

A formação ideológica deve estar vinculada ao trabalho, pois a este deve-se atribuir função social que traga melhorias para a vida social.

Por esta e outras razões é que quando se fala em uma nova sociedade, a primeira coisa que vem na idéia é a diminuição do trabalho e o aumento dos ganhos. Ora, como será possível construir uma nova sociedade sem trabalho? Neste sentido a formação deve desenvolver o aspecto ideológico do trabalho, elevando-o para uma nova categoria, fazendo com que este sirva não somente para produzir alimentos, mas também para embelezar a propriedade, para aperfeiçoar os conhecimentos e para superar as limitações. Por isso, assim como produzir é trabalho, da mesma forma o é planejar, administrar, estudar

para dar respostas aos problemas, educar, embelezar, fiscalizar, etc.

3.1.7 – O ser e os desvios oportunistas

Os desvios ou vícios oportunistas têm suas diferentes origens. Naturalmente o ser humano e principalmente o que não tem consciência política desenvolve e assimila rapidamente vícios e desvios do tipo oportunista para satisfazer seus interesses individuais. Dentre todos os desvios, o que mais nos afeta individualmente tanto nas cooperativas como nos lotes individuais, é o desvio monetarista. Criou-se uma lógica muito perversa em que uma grande parte dos assentados busca implementar os projetos do Proceca na busca de garantir algumas sobras. É louvável, do ponto de vista da multiplicação dos resultados, mas do ponto de vista da perspectiva é muito prejudicial, pois uma grande parte acostuma-se a esperar novos recursos para recomeçar o trabalho. Nasce com esta relação o vício do “diarismo”, sufocando o espírito do trabalho voluntário. Como as cooperativas e associações possuem dinheiro empreita-se ou paga-se para fazer. Quando acabam os recursos, acaba a motivação, inclusive de participar das assembleias e reuniões.

Nasce por sua vez um desvio do falso enriquecimento. No primeiro momento, havendo uma quantidade razoável de recursos, criam-se diversas facilidades através da aquisição de bens que não combinam nem com o desenvolvimento das relações sociais, nem com o nível de consciência para racionalizar o uso, nem tampouco com a maturidade insolúvel dos dirigentes que passam a adotar hábitos completamente incompatíveis com a cultura e a consciência social dos assentados.

A partir destes aspectos podemos perceber que o ser social do camponês, produz uma consciência social bastante enraizada sobre seus próprios interesses e adquire uma forma bastante contraditória, pois ele não se considerará como uma força da natureza, mas se coloca como senhor de tudo, tendo como base o direito à propriedade e esta lhe dá força para refletir, decidir, ordenar e mais, lhe dará o poder de limitar até onde a influência social pode intervir em sua vida familiar, quando sente ameaçado seus interesses, simplesmente isola-se como a cobra que passará longos períodos apenas comendo sua

própria casca pela simples razão de querer ser autônomo.

No processo de formação de lideranças para torná-las militantes, estes aspectos culturais e da consciência social precisam ser levados em conta, haja visto que muitos dirigentes podem desenvolver uma capacidade muito grande de falar e atuar politicamente, mas no tratamento com a mulher e os filhos são completamente reacionários. Isto se deve às lacunas deixadas pelo processo de formação onde estudou-se muito marxismo e pouco os aspectos da vida e da conduta social das pessoas.

3. 2 – Como enfrentar os desafios sem perder de vista as limitações?

Estes desafios apontados certamente serão assunto para muitas décadas, haja visto que não são de fácil solução. É preciso, para superá-los, efetuar uma revolução político/cultural para que se possa ter um camponês de novo tipo. Mas mesmo com todos os limites é possível iniciar esta longa caminhada sem saber quando será o dia da chegada. A seguir destacamos algumas alternativas que se constituem passos para enfrentar estes desafios.

3.2.1 – Estabelecer objetivos para serem alcançados coletivamente e torná-los conscientes entre todos os assentados.

Quanto maior a desorganização da massa mais difícil será compreender as idéias, seja a nível da cooperação ou seja a nível do socialismo. A organização é a única possibilidade de agarrar as idéias e fazê-las frutificar.

Os objetivos estabelecidos coletivamente são possíveis de serem alcançados mais facilmente pois a organização buscará os meios para isso.

Estes objetivos devem estar relacionados com os desafios apresentados e fundamentados nos conhecimentos científicos. Podem estar subdivididos em objetivos táticos e estratégicos que visem resolver

os problemas imediatos e enfrentar os desafios estratégicos.

As necessidades que a organização tem também devem ser levadas em consideração para formular os objetivos. Como vimos no início deste texto, temos uma enorme carência de quadros em todos os aspectos: econômicos, políticos, educacionais, culturais, de relações públicas, comunicação etc. Devemos estabelecer objetivos específicos para serem alcançados em um determinado período, seguindo etapas consecutivas.

Os objetivos podem ser de caráter imediato, como por exemplo plantar quinhentas árvores por família durante o ano, como também mais a médio prazo como melhorar o relacionamento com a sociedade através da doação de produtos ou fazer atividades de prestação de serviço.

3.2.2 – Transformar as pessoas juntamente com o meio onde vivem

As pessoas são frutos do meio em que vivem, ou seja, nas relações sociais é que se estabelece a consciência e a conduta social. Mas não basta reprimir comportamentos pessoais negativos para que o ser humano se eduque ou “reeduque”, porque as pessoas não se relacionam apenas com seres humanos, mas também com objetos, com a história e com a natureza. Se perguntassem a um índio em 1.500 para que servia o pau brasil, certamente este responderia que era para as aves pousarem; ao contrário, se a mesma pergunta fosse dirigida a um português, responderia que era para transformá-lo em mercadoria; e assim implantou-se o espírito da devastação no Brasil, que até hoje pagamos caro por isso.

Somos uma organização privilegiada que além das pessoas, temos o espaço físico como sujeito para fazer a história. Ou seja temos os dois elementos principais para fazer a reforma agrária a terra e as pessoas. Por isso podemos dizer que a reforma agrária é gente se misturando com terra. Sendo assim, as áreas de assentamento, embora se transformem em pequenas propriedades privadas, temos que estabelecer métodos para que possamos transformar as pessoas e o meio em que estas vivem. É claro que devemos saber o que precisamos transformar

e isto somente se consegue com pesquisa e convivência social.

É preciso porém ter muito claro o que se quer mudar e empenhar-se cotidianamente para ir concretizando aos poucos tanto a nível pessoal como a nível de ambiente.

3.2.3– Organizar a convivência social

A convivência é a possibilidade de enxergarmos a partir da reação dos outros. Sabemos que jamais seremos perfeitos, mas sem a ajuda dos outros jamais conseguiremos perceber nossas imperfeições.

Conviver é buscar dar forma à relação entre o ser humano, qualidades morais, virtudes, deveres sociais etc.

Novamente podemos recorrer à nossa realidade social dos assentamentos. Não existe uma única forma física de se reorganizar a convivência social como nas grandes cidades. Podemos descentralizar as agrovilas e temos ainda como última alternativa a relação social que se pode estabelecer a partir dos grupos de famílias em cada assentamento. Já fizemos cursos para tudo, já formamos militantes para todos os setores, mas nunca formamos militantes para atuarem em um núcleo de dez famílias apenas. Sobram militantes e faltam militantes, porque após o retorno dos cursos, as direções não sabem onde colocá-los por não terem entendido ainda o que de fato quer dizer a palavra organicidade. É possível, a partir do núcleo, impulsionar essa revolução cultural criando assim uma nova consciência e desenvolvendo novos valores. Basta que tenhamos lideranças qualificadas em cada um deles. Um núcleo de família deve ter no mínimo cinquenta pessoas. São cinquenta novos seres que precisamos criar, portanto já é trabalho suficiente para um militante. Mas é claro que se adotássemos essa política, todas as direções diriam que não possuem militantes para colocá-los nos núcleos. É porque não temos, não formamos ou porque formamos mal, porque nunca interpretamos os verdadeiros desafios que temos?

3.2.4 – Saber aproveitar as oportunidades para intervir na realidade

As oportunidades são quando se combinam as condições

favoráveis para intervir na realidade para provocar as mudanças.

Os antigos sábios diziam que “querer superar os inteligentes por meio da insensatez é contrário à ordem natural das coisas. Superar os insensatos por meio da inteligência é uma questão de oportunidade”. Destacam assim que há três caminhos para a oportunidade:

- **Acontecimentos** – Quando as oportunidades surgem através dos acontecimentos mas não conseguimos agir, falta-nos esperteza.
- **Tendências** – Quando as oportunidades surgem através das tendências, mas não conseguimos fazer planos, falta-nos sabedoria.
- **Condições** – Quando as oportunidades surgem através de condições mas não agimos, falta-nos audácia.

Dessa forma podemos concluir que além de saber interpretar o momento correto em que a oportunidade se apresenta, devemos ter outras três qualidades: esperteza, sabedoria e audácia.

3.2.5 – Saber ocupar espaços.

Na mesma linha da análise da falta de militantes e quadros, temos que interpretar quais são os espaços que estamos ocupando mal ou deixando simplesmente que outros ocupem?

É importante destacar este aspecto para superar essa visão errônea que se tem da formação que deve apenas ser desenvolvida através de e estar sob a responsabilidade de um setor.

Voltemos à idéia de Marx, onde diz que “o ser social determina a consciência social” e certamente concluiria que o ser político determina a consciência política. Para não nos alongar, tomemos como exemplo a religião dentro dos assentamentos. “o ser religioso determina a consciência religiosa”. Nada de errado em cada um edificar a sua igreja e louvar o seu Deus se isto não interferisse na conduta, nos valores e na participação política. A religião não é somente a manifestação da fé, mas a reprodução ideológica, e portanto, parte da consciência social, imprimida pelo lugar social que ocupam seus orientadores. Esse espaço mal ocupado e mal orientado está possibilitando a entrada de seitas e ou proliferam-se religiões que certamente no futuro aglutinarão os

assentados que resistirão a determinados encaminhamentos políticos.

Mas podemos destacar aspectos na perspectiva positiva da ocupação dos espaços por exemplo da comunicação através das emissoras de rádio que sirvam para toda a comunidade, ou através da educação contribuir para que as escolas municipais do interior possam assimilar aspectos importantes de nossa proposta pedagógica e assim integrar professores de filhos de pequenos proprietários ou que lecionam em pequenos povoados para integrarem-se em nosso setor de educação.

3.2.6 Desenvolver a capacidade de renúncia

Somente através da organização podemos perceber quais são nossos limites e cumprir com as exigências de saber renunciar aos hábitos e prazeres que não favorecem a todos.

Essa virtude deve ser desenvolvida cotidianamente, procurando refletir sobre todas as decisões que se tomam, como por exemplo, o assentado deverá saber explicar conscientemente porque opta pelo trabalho individual e não o coletivo e na medida em que se eleva a maturidade através da consciência política deve-se observar estes aspectos e incentivar para que se renuncie à eles.

Mas isto é importante que se inicie pelos dirigentes e militantes para que sirvam de exemplo para os demais assentados. Devemos avançar para ter a capacidade de renunciar a tudo aquilo que beneficia apenas o indivíduo e não a coletividade.

3.2.7 - Desenvolver de forma ordenada a mística e a prática de novos valores

Através da motivação de fazer, comprovamos que estamos satisfeitos com o desenvolvimento das coisas. Se reagimos favoravelmente mesmo quando devemos fazer sacrifícios, significa que encontramos a razão pela qual devemos avançar.

Os aspectos da criatividade da satisfação, da elevação do esforço

etc devem se manifestar diariamente. A mística nada mais é do que desenvolver em nós a capacidade de fazer o extraordinário se tornar cotidiano. Este é o mistério que está em cada ato que somente quem o desenvolve terá capacidade de interpretá-lo.

Sendo assim a mística influirá na conduta tanto dos militantes quanto dos assentados. Quando vemos uma manifestação com poucas bandeiras é sinal que o símbolo ainda não se transformou em mística. Quando vemos um lote mal cuidado é sinal que a conquista ainda não se tornou mística. Quando vemos crianças maltrapilhas, homens e mulheres sem dentes, pessoas passando venenos nas lavouras sem preocupação com a poluição e com os cuidados com a saúde é sinal que a vida ainda não se tornou mística. Quando ouvimos xingações em assembleias, formas de tratamento agressivas, é porque o companheirismo ainda não se tornou mística. Quando vemos militantes e dirigentes barrigudos, sem interesse pelo estudo e gosto pela pesquisa é porque a militância ainda não se tornou mística e estes assumem um comportamento como se fossem empregados. Assim poderíamos seguir em frente com exemplos e comparações. O fundamental porém é entender que tanto a mística quanto os valores são atitudes que devem tornar-se hábitos e conseqüentemente transformarem-se em parte da cultura e da consciência social de todas pessoas.

4 – CONCLUSÃO

Embora hajam outros vários aspectos que gostaríamos de tratar antes de entrarmos nesta conclusão, mas devido a vários fatores não será possível, acreditamos porém que isso não compromete a intenção do texto.

Para facilitar o entendimento tanto do texto quanto da conclusão, melhor será pontuá-la.

1º – A organização que não tem claros os objetivos que deve alcançar, certamente sempre terá dificuldades em estabelecer políticas particulares como é o caso da formação, pois a entenderá como parte separada do conjunto e as decisões sempre tendem a resolver questões

secundárias. Formar significa praticar e somente praticamos se tivermos clareza dos objetivos. Da mesma forma que ao transformar a natureza o ser humano transforma a sua própria natureza, assim também da mesma forma que o militante transforma seu comportamento transformará sua consciência.

2º – Como a prática social dos militantes dirigentes e assentados é desenvolvida nos diferentes setores, pois entendemos como “prática” ou “práxis” o ato de fazer e fazer-se, refletindo e assimilando conscientemente todos aspectos que compõem este processo, a responsabilidade por desenvolver a cultura com todos os seus aspectos que contribuem para produzir a vida e dar maior qualidade à consciência social acrescentando a ela os elementos científicos que forma a consciência política, é de todas as partes que compõem a organização.

3º – Os desafios são limites temporários que podem permanecer por maior ou menor tempo, depende das condições e da capacidade que temos para aproveitar as oportunidades de superá-los. Neste movimento interno e sempre contraditório, devemos estar muito cientes de que ao superar um desafio, este possivelmente não esteja extinto, apenas as contradições adquirirão novas qualidades. Por isso os desafios nunca acabam, por mais que avancemos sempre teremos aspectos na realidade objetiva e subjetiva a serem modificados.

4º – Por fim, é conveniente encerrar com um pensamento de Cervantes que disse: “Os humildes são como água encanada, quanto mais baixo desce mais alto pode subir”. Que este espírito de valorizar as mínimas coisas, mesmo que tenhamos que rastejar para entender a realidade, o amor pela investigação e a paciência para demonstrar e fazer, nos condicionem para, ao mesmo tempo que descemos tão baixo, possamos preparar o impulso para subirmos bem alto na conquista de novos seres humanos para impormos também uma nova história em nosso país.

Ademar Bogo
Bahia, nov 1998

II - OS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS

Introdução

O MST é uma organização social, um movimento de massas, que tem uma base social específica entre os trabalhadores rurais, que estão acampados e nos assentamentos. Nossa organização tem um objetivo estratégico que é conseguir transformações sociais em nossa sociedade, que consigam assim construir uma sociedade aonde se elimine a pobreza, as desigualdades sociais e as injustiças sociais.

Na missão de perseguirmos permanentemente nosso objetivo estratégico, precisamos aplicar e desenvolver dentro da organização: um programa agrário (que é um conjunto de propostas para mudar o meio rural e que orientam nossas ações táticas); as lutas de massa, como forma de ir obtendo conquistas concretas e alterando a correlação de forças. E precisamos alterar o nível de consciência de nossa base, passando da consciência ingênua para a consciência política.

Analisando a realidade vivida em nossa base, percebemos que o assentamento é o espaço privilegiado para levarmos adiante nossos objetivos, irmos obtendo conquistas e alterando o nível de consciência. No entanto, analisando a situação da maioria dos assentamentos percebe-se que existem inúmeros problemas que estão afetando a vida das pessoas e podem comprometer a possibilidade de avanços rumo ao nosso objetivo estratégico.

Por isso recentemente realizou-se um seminário nacional entre os dirigentes do Sistema cooperativista dos assentados/Concrab e dirigentes nacionais do MST e constatou-se que persistem inúmeros desafios dentro dos assentamentos, e que precisamos realizar um esforço coletivo de toda organização para superá-los. Para isso conclamamos a que todos companheiros discutam, debatam e encontrem formas para superar os desafios e melhorar as atividades dos assentamentos, para que os assentamentos cumpram sua missão histórica de semear as mudanças do meio rural.

Foram analisados os seguintes desafios:

1. DESAFIOS DO NÍVEL DE CONSCIÊNCIA SOCIAL DE NOSSA BASE.(ideológicos)

Para analisar e compreender a natureza desses desafios recomenda-se o estudo e debate do texto preparado pelo companheiro Ademair Bogo (DOC.4)

2. DESAFIOS RELACIONADOS À CONCEPÇÃO E PRÁTICA DOS MILITANTES. (desafios de natureza política)

a) Revisar o modelo de assentamento.

Precisamos avançar no entendimento de que os assentamentos não são apenas uma unidade de produção. Mas acima de tudo são um núcleo social aonde as pessoas convivem e desenvolvem um conjunto de atividades comunitárias na esfera, da cultura, lazer, educação, religião, etc.. que precisamos estar atentos.

b) Romper com o clientelismo político.

Muitos dirigentes ao assumirem a titulação de presidentes de associação, cooperativas, do assentamento, se transformam e passam a ter práticas políticas conservadoras, repetem os métodos dos chefes, caciques, coronéis, patrões, com os demais assentados. E alimentam na base essa dependência e essa relação.

c) Nucleação de base.

Incapacidade de estimular e organizar estruturas sociais de base, que representem democratização dos processos decisórios, acesso a informação, e espaços de discussão e formação de consciências sociais.

d) Envolvimento com a sociedade local.

Há uma incapacidade do assentamento, suas lideranças, etc. envolverem-se com a sociedade local, do município. Desenvolvendo ações conjuntas, e estimulando também aos demais agricultores a se organizarem.

e) *Relacionamento com o mercado.*

O relacionamento com o mercado é visto apenas de forma oportunista para comprar ou vender alguma coisa. Mas o mercado pode ensejar novas relações com a sociedade local.

f) *A vida cultural nos assentamentos.*

É necessário entender as diferenças culturais entre as famílias assentadas. Mas sobretudo, adotar uma prática organizativa que estimule, oriente, ajude ao desenvolvimento das inúmeras atividades culturais no assentamento. Entendendo cultura como todos os aspectos das atividades da vida.

3. DESAFIOS RELACIONADOS COM ASPECTOS ECONÔMICOS

- Não temos um modelo de desenvolvimento rural adequado para cada assentamento. Em geral apenas reproduzimos o modelo adotado na região pelos capitalistas.
- Deixamos de pensar um modelo adequado às nossas condições objetivas, levando em conta as necessidades de subsistência, da policultura, da abundância de mão-de-obra e escassez de capital.
- Da mesma forma acabamos totalmente dependente dos recursos de empréstimos externos, que quando começarem a ser pagos, podem nos colocar em situação de dificuldades insuperáveis.
- Abandonamos a discussão sobre que modelo tecnológico devemos adotar em cada região, que seja adequado ao nível dos assentados, aos recursos naturais e às condições econômicas.
- É necessário debater linhas de produção e alternativas de mercado que garantam efetivamente uma renda mínima mensal a todas as famílias, para que realmente superem os níveis de pobreza e atenda as necessidades básicas.
- Construir alternativas econômicas para os jovens e as mulheres. No caso dos jovens na falta de alternativas de renda, se obrigam a abandonar os assentamentos.
- Buscar alternativas de mercado, para pequenos volumes de produção, de produtos de subsistência que sobram nos assentamentos.

- Em algumas associações e cooperativas (não é generalizado) é freqüente o amadorismo administrativo. Embora a Concrab conseguiu acumular conhecimentos científicos e experiências concretas em métodos de gestão, ainda não se conseguiu popularizar, tanto para as empresas associativas, quanto para os assentados individuais terem mais conhecimentos de gestão de sua unidade de produção familiar.

4. DESAFIOS RELACIONADOS COM ASPECTOS ORGANIZATIVOS (IDEOLÓGICOS)

- Há um desconhecimento, falta de debate e estudo sobre as linhas políticas do MST, sobre as linhas do SCA entre as lideranças e dirigentes dos assentamento. Falta método de trabalho, para organizar na base, para articular os assentamentos no município e na região.
- Falta acompanhamento político por parte das direções estaduais.
- Falta de quadros que possam atuar dentro dos assentamentos e imprimir práticas e atividades que enfrentem esses desafios gerais assinalados.
- Com frequência os dirigentes interpretam os problemas apenas como um internismo vinculado a disputas internas, ao corporativismo de grupos, etc,...
- Precisamos discutir formas de ampliar a influência do assentamento na sociedade local, seja através da sua presença organizativa, seja através de produtos, seja através de ações de solidariedade e assistência social.

III - ELEMENTOS PARA AVANÇAR A DISCUSSÃO SOBRE COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS.

Ter consciência nas instâncias diretivas, qual é nosso objetivo principal, como movimento social. Ou seja utilizamos a reforma agrária como um instrumento para alcançar um objetivo estratégico maior, que é a eliminação da pobreza e a busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Se o processo de reforma agrária e distribuição de terras não consegue fazer avançar rumo aos objetivos estratégicos, significa que estamos fracassando no instrumento utilizado.

Devemos compreender que nosso território de ação é o assentamento como um todo. É a organização social daquela comunidade. E não se comprometer com a idéia de que a propriedade privada individual pode resolver os problemas e alcançar nossos objetivos estratégicos. Pois não conseguirá.

Compreender quais as condições objetivas, de produção, de recursos naturais, de mercado que existem em cada assentamento.

Transformar, sob a luz do conhecimento científico a natureza social do camponês e a natureza do meio ambiente que o cerca. Para que ele avance na sua consciência social e deixe de ser camponês tradicional.

Fazer com que o PROCERA e LUMIAR sirvam de mecanismos de transformação da natureza que cerca o camponês e sua produção. Para que ele possa evoluir na consciência. Para tanto, é necessário caminhar para que:

- Nossos agrônomos se transformem em pedagogos de massas e em pesquisadores revolucionários, transformadores da realidade que atuam. E não apenas fazendo projetos econômicos ou dando assistência técnica;
- As cooperativas tem que cumprir uma função social mais abrangente;
- Mesmo quando os assentados, se mantêm em lotes individuais, precisamos transformar a forma como ele o utiliza;
- Fazer uma verdadeira revolução cultural, que altere os conhecimentos e os valores atuais, do camponês e de seu lote;
- Mudar as relações sociais dentro do assentamento, e dentro da cooperativa. Em geral as cooperativas reproduzem relações familiares, ou as relações patrão-associados;

- Recuperar a formação político-ideológica, como forma de ajudar a alterar a consciência de nossa base;
- Ver formas de utilizar a cooperação de serviços, e associalização das famílias, para que se altere as relações sociais, mesmo com lote individual;
- Ir construindo outro método de trabalho, que parta do particular para o geral. Para isso precisamos criar organicidade, para ir dando maior coletivismo – maior participação social – desde abaixo. O primeiro passo é garantir a formação dos núcleos e as reuniões sistemáticas. E se em cada núcleo de família houver um dirigente (do assentamento, do MST) o nível de consciência política avança.
- Recuperar a solidariedade e a implementação dos valores humanistas, que defendemos. Precisamos criar inúmeras formas, de fazer com que o assentado individual se desgrude do lote, e tenha participação social intensa.

IV - ORIENTAÇÕES POLÍTICAS DOS PRÓXIMOS PASSOS

- Assumir na direção nacional como uma linha política prioritária, de permanente discussão, para construirmos uma nova proposta de organização dos assentamentos . A organização do assentamento é um desafio para o MST, para o movimento camponês brasileiro, e para as transformações sociais.
- Debater em todos encontros estaduais, e instancias estaduais.
- Seguir pesquisando e estudando sobre as formas de superar os desafios encontrados.
- Colocar em debate esse tema, em todos os cursos e no processo de formação do MST. (ITERRA, Magistério, Militantes, Técnicos, etc...).
- Estudar e planejar qual é o melhor modelo de desenvolvimento integrado de cada assentamento, para cada região.
- Interpretar os assentamentos na sua total amplitude, social, econômica e cultural, política e ideológica.
- Organizar seminários de estudos nos estados e durante o próximo ano (99) realizar um seminário nacional, para então afirmar as linhas políticas que aplicaremos para enfrentar os desafios.



**Confederação das Cooperativas de Reforma
Agrária do Brasil Ltda. - CONCRAB**
Alameda Barão de Limeira, 1232 - Sta. Cecilia
Cep 01202-002 - São Paulo - SP